

RESENHA

UM OPORTUNO RESGATE DA SÍNTESE PESSOAL

SCLIAR-CABRAL, L.(1991) *Introdução à Psicolinguística*. São Paulo: Ática, Série Fundamentos 71.

Resenhado por Eleonora C. ALBANO
(Universidade Estadual de Campinas)

Saiu, finalmente, com grande atraso com relação à data da redação (1988), a primeira introdução à Psicolinguística escrita no Brasil, de Leonor Scliar-Cabral (doravante S-C). Intellectual conhecida para além das fronteiras da ciência linguística propriamente dita (V., e. g., as suas traduções da poesia sefardita: Scliar-Cabral 1990), a autora repete o feito de 1973, quando publicou a sua pioneira Introdução à Linguística, hoje em 8ª edição.

O livro não deve sequer ser aberto por quem não tolera uma boa dose de independência e ousadia no trato com a literatura técnica, que, nesta como em outras áreas da Linguística, já está-se tornando demasiadamente prolífica. Quem, por outro lado, souber reagir a esse fato apreciando esforços de síntese que - sem maiores pretensões - assumam os riscos de uma posição pessoal deve familiarizar-se logo com a obra, pois nela encontrará uma boa companhia para a preparação de cursos e para a reflexão sobre velhas e novas leituras. Nela verá também um estímulo para refletir sobre as suas próprias posições.

O professor universitário incumbido de ministrar cursos de

Psicolinguística de caráter geral é o principal destinatário do texto. Diante da inevitável hesitação entre abrangência e profundidade na elaboração de um programa, S-C opta decididamente pela segunda. Assim, a exposição concentra-se sobre um dentre os vários temas psicolinguísticos clássicos, a saber: a compreensão e produção da linguagem oral. Os demais - aquisição da linguagem; linguagem e pensamento; leitura e escrita - são deixados para um capítulo final que fornece indicações sobre a vasta bibliografia de cada um. O professor poderá, portanto, seguir a orientação do livro tomando a compreensão e produção da fala como fio condutor para introduzir a Psicolinguística ou poderá, ainda, usá-lo para montar uma unidade temática num curso intensivo mais amplo.

Essa orientação pode ser questionada in toto por quem julga que os problemas da aquisição da linguagem ou da relação entre linguagem e pensamento têm uma relação mais direta com as grandes questões epistemológicas do campo.

Em favor da opção de S-C, podem-se arrolar pelo menos três argumentos.

O primeiro é que as questões de "ovo ou galinha" são às vezes desestimulantes para o neófito, embora possam constituir um bom exercício de reflexão para o iniciado. Ora, a Psicolinguística está cheia delas, e.g: A experiência enseja a manifestação das predisposições inatas ou as predisposições inatas ensejam a organização da experiência? A estrutura do pensamento reflete a estrutura da linguagem ou a estrutura da linguagem reflete a estrutura do pensamento? Uma maneira especialmente hábil de evitá-las é observar a compreensão da oralidade de um ponto de vista deliberadamente ingênuo: já que, fisicamente ao menos, o som da fala precede a sua interpretação, é razoável fazer uma simples reconstituição naturalista das etapas através das quais ele ganha sentido e é integrado à experiência do ouvinte. Ainda que fictícia, essa gradação tem o papel de aparelhar o iniciante com conceitos que poderá utilizar inclusive para demoli-la. Eis aí a astúcia didática de S-C: o processo de compreensão é apresentado passo a passo até chegar-

se a uma ampla e informada discussão do problema da representação do conhecimento na memória. Introdúz-se, então, o processo reverso, ou seja, a produção - este bem mais difícil de observar, analisar, simplificar - e qualquer aparência de linearidade ou simplicidade é definitivamente desfeita.

Outra razão para enfocar o binômio compreensão/produção é que foi aí que se iniciou a história contemporânea da Psicolingüística, isto é, aquela que se alimentou da contenda de Chomsky com os behavioristas. Se Aspects (Chomsky 1965) conferiu um papel especial à aquisição da linguagem, Syntactic Structures (Chomsky 1957) teve um impacto heurístico maior, fornecendo inspiração duradoura para a especulação sobre a realidade psicológica das estruturas lingüísticas. Eis por que S-C rastreia a origem dos primeiros estudos sobre processamento sintático ao circunscrever os modelos representados no livro. Após uma breve introdução, o primeiro e o segundo capítulo tecem a história da euforia em torno da descoberta da sintaxe em meio à qual surgiu a hoje consagrada noção de processamento lingüístico.

Uma terceira razão para insistir sobre o par compreensão/produção é que a literatura que se ocupa desses temas mantém uma relação bastante estreita com a pesquisa lingüística, tomando-lhe de empréstimo conceitos, construtos e às vezes até mesmo modelos. Ainda que se possa discutir a legitimidade dessa manobra (Maia 1985), esta é, sem dúvida, a Psicolingüística mais diretamente compreensível para estudantes de Lingüística. A opção por modelos de orientação sócio-interacionista (e.g., Lemos 1986), psicogenética (e.g., Ferreiro & Teberosky 1979) ou neuropsicológica (e.g., Albano no prelo) só fará sentido para esse público se baseada numa crítica aos modelos, conceitualmente mais abordáveis, da representação e do processamento lingüístico.

Enquanto síntese de toda uma Psicolingüística que se funda na noção de "representação simbólica", o texto de S-C é por vezes irreverentemente pessoal. Um esclarecimento sobre a inclinação da autora pela Lingüística funcionalista talvez conseguisse poupar-lhe a

acusação de "misturar modelos" por parte daqueles para quem a formalização é a chave da cientificidade. As posições pessoais contidas nos últimos capítulos também poderiam possivelmente ser melhor apreciadas se a formidável digestão de leitura que subjaz aos primeiros fosse mais explicitamente reconstruída (o que - admita-se - criaria um sério problema de espaço).

Já que, pela heterogeneidade mesma das suas fontes históricas, a Psicolinguística não pode deixar de contemplar um amplo leque de escolhas pessoais, sublinhemos o que o texto de S-C pode oferecer aos cultores do debate e da polémica.

Após o segundo e o terceiro capítulos, de apanhado histórico, há quatro capítulos perseguindo a trilha do concreto para o abstrato no processo de compreensão: processamento de sinais lingüísticos (4º: 33-44), reconhecimento de palavras (5º: 45-53), memória semântica (6º: 54-60) e processamento a nível textual (7º: 61-74). Nenhum tem a pretensão de cobertura exaustiva. Todos, pelo contrário, seguem a mesma lógica didática, que é a de apresentar primeiro conceitos e achados básicos para depois discutir algumas teorias representativas e em geral complementares. Pode até ocorrer uma certa impressão de fragmentação, que a autora justifica convincentemente chamando atenção para a incompletude dos modelos e para as dificuldades metodológicas do campo.

No 8º Capítulo, "Três teorias de representação de textos e discursos", S-C aborda o que considera, com razão, um dos grandes enigmas da Psicolinguística contemporânea: "O conhecimento de mundo é estruturado lingüisticamente?" (p.76) Sua resposta pessoal parece ser negativa, pois não são poupadas críticas às propostas que assimilam a estrutura desse conhecimento à das sentenças (p.86). No entanto, a alternativa apresentada (Scliar-Cabral e Grimm-Cabral 1984) arrola regras (pp.87-94) que parecem assimilar esse conhecimento a uma macro-estrutura textual.

Daf em diante fica claro que, embora não reduzindo todo conhecimento à linguagem, a autora encara os processos cognitivos do

ponto de vista de uma Semiótica geral. Depois de dois capítulos sobre a produção - "Da intenção à estruturação lingüística" (9º: 97-104) e "Da estruturação de sentenças até a retroalimentação" (10º: 106-120) -, é apresentada uma síntese dessa concepção da cognição, cuja exposição estende-se por mais dois capítulos: "Modelo integrado, contextual, interativo, dinâmico e criativo da recepção e produção", (11º: 121-131) e "Descrição do modelo" (12º: 132-143).

A síntese é uma espécie de diagrama geral do processamento lingüístico concebido a partir das peças fragmentárias do vasto quebra-cabeça teórico-metodológico delineado entre o quarto e o décimo capítulos. Antes de traçar-lhe o contorno final, S-C expõe as razões que a levaram a optar por uma visão moderadamente holística da compreensão/produção, isto é, uma visão que contemple processadores gerais assim como processadores especializados interagindo entre si e trocando informações tanto no sentido da parte para o todo (bottom up) como no sentido do todo para a parte (top down). Essa opção baseia-se na convicção de que as diferenças entre os vários tipos de processamento lingüístico - da compreensão e produção orais à lecto-escritura ao aprendizado de novos estilos e línguas - são muito mais pronunciadas nos níveis "automáticos, inconscientes e culturalmente independentes" (p.127) do que naqueles níveis denominados "integrados" e "criativos", isto é, nos pontos de contato entre a percepção, a produção e a criação de conteúdos e formas lingüísticas. Assim, os aspectos mais profundos do processamento imediato bem como do processamento a longo prazo (e/ou armazenagem na memória) seriam comuns aos vários tipos de comunicação lingüística, mantendo uma relação estreita com o conhecimento de mundo, também organizado semioticamente.

O esquema comporta três grandes componentes, a saber: a periferia, o executivo central e o arquivo. Os dois primeiros seriam responsáveis pelo processamento imediato, enquanto o último seria uma espécie de memória cognitiva, englobando vários sistemas de linguagens (verbais e não-verbais) e a própria cognição geral. O fato de

os três componentes terem uma natureza estritamente cognitiva não os impede de interagir fortemente com a afetividade, que é vista como uma função à parte, sobre a qual não seria oportuno tecer maiores considerações no livro.

Embora a metáfora do computador percorra todo o texto pelo simples emprego do vocabulário técnico da área (nela hoje enraizado), fica patente que o objeto de S-C é a inteligência semiótica humana, com particular ênfase no aspecto verbal. O que se delineia ao longo do livro é um vasto painel de como a experiência é posta em palavras e de como as palavras são incorporadas à experiência. Particularmente ilustrativo a esse respeito é o exemplo da página 94, onde é analisada a estrutura do conhecimento subjacente a uma narrativa de uma criança de seis anos. Nesse exemplo, assim como na concepção geral da proposta, evidencia-se o compromisso de S-C com a visão clássica da subjetividade como instância centralizadora de fluxos de informações. É uma posição coerente com o fato de a síntese em questão originar-se sobretudo em trabalhos originais da autora e de seus orientados sobre narratividade e criatividade lingüística. Eis, de qualquer modo, um ponto a debater na obra, ao menos para leitores não-positivistas.

Por outro lado, a decisão de chamar essa síntese de modelo (Cf. Caps. 11 e 12) talvez irrite ânimos positivistas como os dos modularistas (Cf. Fodor 1983) e outros adeptos do rigor formal. S-C faz a provocação de usar o termo "módulo" (p.140) como sinônimo de "componente" (p.138) e "sistema" (pp. 132-137) num esquema que, da concepção à representação gráfica (pp. 142-3), é uma taxativa negação do "encapsulamento da informação" - propriedade definidora da modularidade.

O leitor hostil reagirá à ousadia da autora de apresentar uma proposta de interatividade apenas esquemática sem perseguir qualquer argumento contra o "encapsulamento". O leitor simpático reconhecerá aí um vigoroso exemplar de uma bela e esquecida pedagogia: a do erudito que, ao cabo de muito estudo, não teme oferecer ao público o

fruto do seu esforço pessoal de síntese. Pouco importa se um painel tem lacunas quando exhibe a integridade do trabalho de uma vida.

Embora sendo menos acabado do que o nome parece sugerir, o modelo é um programa de trabalho que reflete várias décadas de intensa e diversificada produção da autora. É pena que o atraso na publicação nos ofereça uma versão certamente já superada, a julgar pelo ritmo de trabalho de S-C.

O capítulo final (13º: 144-154) é um tanto anti-climático, devido à intenção, já mencionada, de sobrevoar as demais áreas da Psicolinguística. A cobertura é, entretanto, competente e eticamente exemplar, pela menção às várias linhas de pesquisa já existentes no Brasil, algumas das quais antagonizam a posição de S-C.

Seguem-se um glossário, um índice analítico, um índice remissivo e a bibliografia.

O didatismo um tanto estereotipado da Série Fundamentos (com destaques, exercícios e recomendações bibliográficas nem sempre indispensáveis) não deverá obscurecer a estatura da pedagogia científica resgatada neste livro nem deverá esfriar o debate acadêmico em torno das suas posições pouco pacíficas.

(Recebido em 21/07/1992)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E. (no prelo) "Esboço de Modelo Neuropsicologicamente Orientado para a Aquisição da Fonologia". Anais do II Encontro Nacional de Aquisição de Linguagem, Porto Alegre: PUC-RS.
- CHOMSKY, N. (1957). *Syntactic Structures*. Haia: Mouton.
- _____ (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. (1979). Los Sistemas de Escritura en el Desarrollo del niño. Cidade do México: Siglo XXI.

FODOR, J. (1983). The Modularity of Mind. Cambridge: MIT Press.

LEMOS, C. (1986). "Interacionismo e aquisição de linguagem". D.E.L.T.A. 2 (2): 231-248.

MAIA, E. (1985). "A dialética da gênese e do empréstimo na constituição da Psicolingüística". D.E.L.T.A. 1(1/2): 95-106.

SCLIAR-CABRAL, L. (1973). Introdução à Lingüística. Porto Alegre: Globo.

_____ (1990). Romances e canções sefarditas. São Paulo: Massao Ohno.

_____ e GRIMM-CABRAL (1984). "Caracterização das qualidades narrativas em pré-escolares". Ilha do Desterro. 11(V): 56-74.